A entrada à frente era exatamente como mostrava o mapa: ["Sala de Controle do Computador Central: Acesso permitido apenas com credencial especial."]No início, o velho Tang ficou intimidado com os equipamentos de alta tecnologia dali. Mas ao empurrar levemente a primeira porta metálica — aquela pesada porta à prova de explosões — e vê-la abrir sem resistência, percebeu que tudo aquilo era apenas enfeite.Todos os sistemas de segurança estavam com luz verde, as câmeras fingindo funcionar estavam desligadas e, pasmem, um cartão de acesso preto estava esquecido na porta, provavelmente deixado por algum programador distraído.— Que sorte da porra! — Tang estalou os dedos, todo orgulhoso, guardando o cartão no bolso da calça.Puxou o mapa do bolso de trás e estudou: passando pelas próximas salas, chegaria ao túnel subterrâneo.— Hi-hi-hi-hi-hi! — Um som estranho o fez pular.— Boa noite, senhor! Quer uma bebida? Que noite maravilhosa, não acha?Tang olhou para o lado e viu um boneco metálico com meio metro de altura, feito de hastes brilhantes, como aqueles brinquedos de montar. O troço não só fazia uma reverência, como também tinha um sorriso puxa-saco no rosto cômico.— Que diabos é isso? — resmungou, guardando a escopeta no cinto. Quase tinha dado um tiro no boneco de susto. — Não vale a pena gastar munição com isso.Com um movimento rápido, deu um chute tão forte que quase estragou o tênis, espalhando as hastes metálicas pelo chão.Olhou ao redor: era claramente a sala do computador central, com caixas metálicas negras empilhadas do chão ao teto, luzes piscando como um monte de processadores gigantes. Nada mais além disso, nem mesmo a grande tela estava ligada. Mas o túnel do mapa estava lá, bem à frente, ao lado dos armários.As hastes metálicas começaram a rolar e, de repente, se juntaram de novo, formando o boneco outra vez.— EVA, tão quebrando nosso barraco! EVA, tão quebrando nosso barraco! — gritou o boneco, rolando até ficar atrás de Tang.— Que porra é essa agora? — Tang se virou e seu coração quase parou.— Oi, boa noite! — disse ele automaticamente, com um sorriso forçado.Atrás dele, um feixe de luz iluminava uma figura quase transparente — uma garota de cabelos longos, vestindo um camisolão de seda, tão bonita que parecia irreal. Tang se sentiu um intruso no quarto dela.A garota acenou de volta.— Ei, olha pra cá, não fica só encarando a moça — uma voz masculina ecoou no escuro.Tang deu um pulo. Só então notou uma cadeira no canto, com uma figura indistinta sentada — um homem, pernas cruzadas, tomando uma cerveja.— Puta merda, Fingal?! — Tang apontou para a figura conhecida.— Caralho, velho Tang?! — Fingal pulou da cadeira, igualmente surpreso.["Que situação constrangedora..."] — ambos pensaram ao mesmo tempo.— A Câmara Fria é ali — Fingal apontou para a porta à frente, sem graça.— Ah, sim, valeu... — Tang franziu as sobrancelhas, sem saber como reagir. ["Isso tá muito esquisito."]— Ah, e aquele cartão preto é meu. Pode me devolver? — perguntou Fingal.— Claro, claro! Achei que alguém tinha esquecido. — Tang pegou o cartão do bolso e entregou.— Tá. Tchau. — Fingal pegou o cartão e ergueu a sobrancelha. — Boa sorte.— Valeu, tchau. — Tang caminhou rígido em direção à entrada da Câmara Fria.Os dois fingiram que nada acontecera.Assim que Tang sumiu no corredor, EVA suspirou baixinho.— Isso foi certo?— Tanto faz. — Fingal se jogou na cadeira e pegou a cerveja. — Quer uma?— Tá bom.Num piscar de olhos, EVA trocou de roupa — agora vestia um traje de caça vermelho-escuro, botas de salto e o cabelo preso. Sentou-se à frente dele, bebendo uma Samuel Adams.A luz iluminou o rosto de Fingal, seus olhos refletindo a imagem dela.— É bom beber com você — ele disse depois de um silêncio, erguendo a garrafa e batendo na dela, que era apenas uma ilusão. — Tem companhia e ainda não gasta cerveja... pena que não faz barulho.Suspirou, melancólico.[...]— A gente vai pra onde? — perguntou Luming Fei.Andavam por uma trilha noturna em Cássel, Nono à frente, descalça, segurando os saltos altos.Luming olhou para os pés brancos dela e pensou: ["A equipe de limpeza é boa mesmo, não tem nada pra cortar os pés aqui."]— A gente vai... — Nono virou de repente, sorrindo. — Fugir juntos!Ela agarrou a mão de Luming e correu para o Bugatti Veyron estacionado ali.Jogou os sapatos fora e pulou no banco do motorista.Luming, sem opção, entrou no carro.O Bugatti acelerou pela estrada sinuosa, com uma música alta no som: ["Joga, joga, joga pôquer!"]Nono tinha conectado seu MP3 no carro, cheio de músicas estranhas — rap, temas nórdicos, cantos gregorianos e agora essa música brega que Luming conhecia bem.— Por que só música esquisita? — ele resmungou.— A minha maneira de colecionar música deve parecer bem estranha pra vocês — Nono segurava o volante, olhando para a

estrada à frente. — É como um catador de lixo, andando por aí com um cesto nas costas. Quando acha algo bom, joga lá dentro, sem separar ou organizar nada.— Quando tenho tempo livre, viro o cesto e espalho tudo no chão. Aí fico olhando, procurando alguma coisa que combine com o meu gosto.Lumingfei aprovou o método de colecionar da Nono. Afinal, ele mesmo já sonhou em viver sem responsabilidades, como um catador de lixo. Achar aquela história de organizar músicas em bibliotecas digitais uma grande bobagem.— Ah, Nono, você não tem um Dom da Palavra, né? — Lumingfei perguntou de repente.— Hmm. — Ela olhou de lado para ele. — Por quê?— E se eu te der um?Pela primeira vez, Lumingfei parecia sério. Sob o luar, sua expressão tinha algo sinistro, como um demônio tentando convencer um incauto a fazer um pacto com a vida em jogo.— Sério mesmo? — Nono nem perguntou como ou que preço teria que pagar. Ela confiava nele mais do que em qualquer coisa.— Sério. — Os olhos de Lumingfei brilharam dourados como lava, cheios de mistério e solenidade.— Então vamos.Lumingfei estalou os dedos. — "Olho da Providência", liberado para você. — Tocou a testa de Nono com a palma da mão.Ela sentiu uma força estranha se espalhando pela mente.— O que esse poder faz?— "Olho da Providência", também conhecido como Olho de Deus. — Ele sorriu. — Te torna... onisciente e onipotente, até certo ponto.— Esse Dom não tá na lista oficial. — Nono fez bico. — Não tá me enrolando, né?— Nunca brinco com coisas sérias, Nono, você sabe disso. — Lumingfei encolheu os ombros. — Se fosse um Dom comum, que graça teria? Onde ficaria o meu estilo?— Tá bom, tá bom. — Ela riu. — Já entendi que você é foda.— Quase te dei um Dom tipo o Kamehameha. — Lumingfei imitou o golpe clássico. — Olha só, assim!— Imagina: eu dirigindo e você no banco do passageiro solando ondas de energia. Seria um tanque! "Pá!" — Ele empurrou as mãos para frente, imitando uma explosão.Nono imaginou a cena e deu uma risada tão gostosa que quase perdeu o controle do carro.— Cuidado! Não vamos morrer de alegria aqui, não! — Lumingfei gritou enquanto Nono corrigia a direção.Ficaram em silêncio por um tempo. A estrada escura era iluminada apenas pelos faróis do Bugatti Veyron prateado. O grito de uma coruja cortou o céu. Ele vestia um terno caro que ela comprara; ela, o mesmo vestido longo e negro daquela noite inesquecível. O vento agitava seus cabelos — o dele, preto e desalinhado; o dela, vermelho e solto. Enquanto o campus fervilhava de conflitos, no carro tocava alegremente "Jogando, jogando, jogando pôquer..."— Mas eu não quero que você se arrisque... — ele murmurou de repente. — Se precisar enfrentar perigo, que seja eu. Não quero te ver machucada...— Mas não é pra isso que serve estar junto? — Nono freou bruscamente, encarando-o. — Às vezes, quero que você compartilhe o peso comigo. Você carrega tanto... Tenho medo que um dia tudo desmorone.— Dois seguem em frente melhor que um sofrendo sozinho. — A voz dela suavizou, lembrando da cena em que ele fora trespassado por aquela lança negra, enquanto ela só podia assistir, impotente, chorando.Lumingfei ficou emocionado. Ia dizer algo, mas o cheiro do cabelo dela o envolveu.Nono se inclinou e o silenciou da maneira mais primitiva possível. Enlaçou seu pescoço, invadindo seus lábios com uma paixão selvagem.Ele foi cedendo, a tensão nos olhos derretendo como neve ao sol.Quando se afastou, seu olhar estava embaçado.— Nunca mais fale uma coisa dessas. Você é meu subordinado, eu sou sua chefe. Se tiver problema, eu resolvo, entendeu?— Entendi... — ele resmungou, corando até as orelhas. — Mas eu nem falei nada demais.Nono pareceu surpresa, como se tivesse espiado o mundo interior dele.— Foi esse tal Olho que fez isso?— Deve ter sido. — Ele coçou a cabeça. — Mas nem sei direito o que ele faz.— Mas da próxima vez avisa antes de me beijar assim, né?!— Ora, você me dá um poder sem nem saber o que faz? Que irresponsável! — Nono bufou. — E beijo surpresa tem que ser surpresa, seu bobo!— Não tem jeito com você... — Lumingfei suspirou, desviando o olhar. — Mas... também não me incomodei, viu?— Tá reclamando do quê, então? — ela resmungou. — Ei, vamos tirar uma foto!— Seu celular tira foto?Lumingfei quase pegou o velho N96, mas optou pelo iPhone — aquele presente do irmãozinho diabinho. O aparelho era indestrutível, como se lembrava da vida passada. "Produtos Lumingze: qualidade garantida!"— Tira, mas a câmera é ruim. — Ele entregou o telefone. — E nada de fuçar minhas mensagens, hein?— Sou sua namorada e não posso bisbilhotar? — Ela abriu o inbox sem cerimônia. Felizmente, Lumingze fizera um bom trabalho: só havia mensagens vazias.— Parece que se comportou. — Nono bateu na cabeça dele, satisfeita. Lumingfei sorriu, aliviado.— Vem cá, vamos tirar uma foto — ela disse, agitando o celular,

enquanto envolvia o pescoço de Lumingfei com um braço, encostando-se nele e esticando o outro braço para segurar o aparelho e tirar uma selfie.Lumingfei fez um sinal de "V" antiquado com os dedos. No exato momento em que o obturador foi acionado, Nuonuo soltou o braço que estava em seu pescoço e beliscou com força o nariz dele, enquanto seus lábios tocavam levemente sua bochecha.[Clique] O som congelou a expressão surpresa de Lumingfei em um pequeno ponto da memória do celular. Nuonuo mantinha o braço cruzado sobre seu pescoço, apertando seu nariz, como a lendária Mu Guiying galopando em seu cavalo branco com o jovem general Yang Zongbao sob o braço — só que, desta vez, a Mu Guiying de cabelos vermelhos estava beijando a bochecha do general de branco.— Não esquece de me mandar a foto — disse Nuonuo, jogando o celular para Lumingfei. Capítulo 40 - Ato 39: A Cortina (Parte 2)A igreja era a área controlada pelo Grupo C.Embora o Grupo C tivesse menos membros que o Grupo B, sua área de controle era menor e seus integrantes, mais experientes — todos os vinte eram membros da Sociedade do Leão.Os alunos do terceiro e quarto anos pareciam muito mais preparados que os do segundo. Eles não ficavam parados em posições fixas, mas se movimentavam constantemente. Para qualquer um que tentasse invadir o prédio, ficaria claro que, a cada momento, um grupo diferente bloqueava uma entrada, com movimentos perfeitamente sincronizados, como em um ensaio coreografado.— O presidente... está se confessando? — alguns membros da Sociedade do Leão murmuravam enquanto patrulhavam armados, sempre que passavam pelo confessionário no centro da igreja. — Pra quê? Não tem nem padre ali.Atrás de uma tela de madeira entalhada ficava o confessionário da capela da Academia Kassel, onde Chuzihang permanecia, sem sair.Ao longo dos anos, os diretores da escola haviam debatido se um lugar como a Academia Kassel realmente precisava de uma igreja. Afinal, bastava que os alunos seguissem a teologia nórdica como princípio espiritual.— Mas... as garotas precisam de um lugar para vestir branco e dizer "aceito" diante de um padre, não? — o diretor Angre encerrou a discussão com essa frase.A escola tinha apenas um padre estagiário, Fuyama Yashi, que nunca realizava cultos ou ouvia confissões — só marcava casamentos.O elegante confessionário havia ficado vazio por anos. Mesmo que Chuzihang decidisse abraçar o cristianismo agora, não haveria ninguém para absolvê-lo.Só derrubando um certo falso deus de seu trono ele poderia lavar a humilhação que carregava dentro de si.

http://portnovel.com/book/21/3346